

## **“EU QUERO USAR, PAPAI!”: E quando a família presenteia o garoto com um vestido da Mulher Maravilha?**

Vinicius Mascarenhas dos Passos<sup>1</sup>

Marcos Lopes de Souza<sup>2</sup>

Diego Matos Araújo Barros<sup>3</sup>

### **Resumo**

Há alguns anos tem ocorrido uma intensificação de um movimento antigênero que questiona o debate sobre gênero e sexualidade, especialmente, nas infâncias, buscando proibir essas discussões fora do âmbito familiar. Mas, e quando a família transgride as normatizações de gênero? Pensando nisso, analisamos um artefato cultural que repercutiu nas redes sociais, em 2023, ao mostrar um garoto, de quatro anos, muito feliz em usar um vestido da Mulher Maravilha, presenteado pelo pai e pela mãe. O vídeo tem duração de, aproximadamente, 50 segundos, foi publicado em várias páginas do *Instagram*. Assim sendo, neste trabalho, analisamos as repercussões deste vídeo que mostra o pai e a mãe presenteando o filho com um vestido da Mulher Maravilha. Elencamos como questões norteadoras: Que processos educativos sobre gênero e sexualidade são ensinados pelo artefato cultural? Como são lidas as famílias que questionam a fixidez e binariedade de gênero e reivindicam o desejo de suas(seus) filhas(os)? O discurso da infância como inocência e de que a família

---

<sup>1</sup> É mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPGECFP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié, Bahia, Brasil. Possui licenciatura em Ciências Biológicas pela mesma instituição. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-raciais (ACUENDAÇÕES) da UESB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0617217114011141>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8910-572X>; E-mail: vini-mascarenhas@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Educação pela UFJF. Mestre e doutor em Educação pelo PPGE da Ufscar. É professor pleno do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié (BA). É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, ambos da UESB. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-raciais (ACUENDAÇÕES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2396459642306557>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7174-1346>; E-mail: markuslopesouza@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPGECFP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Ensino e Formação Docente pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Mestre em Humanidades pela UNILAB. Graduado em Pedagogia, Química e Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA/CE). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-raciais (ACUENDAÇÕES) da UESB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5911438875154191>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4724-6193>; E-mail: 2023f0159@uesb.edu.br.

estaria induzindo o filho, ao presenteá-lo com uma roupa lida como feminina, esteve presente em vários comentários. Este discurso pauta-se no pensamento cisheteronormativo, no qual, neste caso, entende-se que a família deveria educar para reiterar as masculinidades cisgêneras e não contestá-las. Por subverter as normas, em vários comentários, a família é rechaçada, inclusive pondo em xeque a homossexualidade do pai. Por outro lado, em outros comentários, há enunciados valorizando a atitude da família em reconhecer o desejo do filho e em não puni-lo ou corrigi-lo.

**Palavras-chave:** artefato cultural; gênero; masculinidade; cisnormatividade; infância.

## **"I WANT TO WEAR IT, DADDY!":**

### **What about when the family presents the boy with a wonder woman dress?**

#### **Abstract**

For some years now, there has been an intensification of an anti-gender movement that questions the debate on gender and sexuality, especially in childhood, seeking to prohibit these discussions outside the family environment. But what about when the family transgresses gender norms? With this in mind, we analyzed a cultural artifact that resonated on social media in 2023, showing a four-year-old boy very happy for be wearing a Wonder Woman dress given to him by his mother and father. The video lasts approximately 50 seconds and was posted on several Instagram pages. In this paper, we analyze the repercussions of this video, which shows a father and mother giving their son a Wonder Woman dress. Our guiding questions are: What educational processes about gender and sexuality are taught by the cultural artifact? How are families who question the fixity and binarity of gender and claim the desire of their daughters being read? The discourse of childhood as innocence and that the family would be inducing the child by giving him/her a garment perceived as feminine was present in several comments. This discourse is based on cisheteronormative thinking, in which, in this case, it is understood that the family should educate to reiterate cisgender masculinities and not challenge them. For subverting the norms, in several comments, the family is rejected, even calling into question the father's heterosexuality. On the other hand, in other comments, there are statements valuing the family's attitude in recognizing their son's desire and not punishing or correcting him.

**Keywords:** cultural artifact; gender; masculinity; cisnormativity; childhood.

## **"¡QUIERO PONÉRMELo, PAPÁ!":**

### **¿Qué pasa cuando la familia regala al niño un vestido de mujer maravilla?**

## Resumen

Desde hace algunos años, se ha intensificado un movimiento antigénero que cuestiona el debate sobre el género y la sexualidad, especialmente en la infancia, tratando de prohibir estas discusiones fuera del entorno familiar. Pero, ¿qué ocurre cuando la familia transgrede las normas de género? Con esto en mente, analizamos un artefacto cultural que resonó en las redes sociales en 2023, que muestra a un niño de cuatro años muy feliz de llevar un vestido de Mujer Maravilla que le regalaron su madre y su padre. El vídeo dura aproximadamente 50 segundos y fue publicado en varias páginas de *Instagram*. En este trabajo analizamos las repercusiones de este vídeo, que muestra a un padre y una madre regalando a su hijo un vestido de Mujer Maravilla. Nuestras preguntas guía son: ¿Qué procesos educativos sobre género y sexualidad enseña este artefacto cultural? ¿Cómo se lee a las familias que cuestionan la fijeza y binaridad del género y reivindican los deseos de sus hijas? El discurso de la infancia como inocencia y de que la familia estaría induciendo a su hijo al darle una prenda percibida como femenina estuvo presente en varios comentarios. Este discurso se basa en el pensamiento cisheteronormativo, en el que, en este caso, se entiende que la familia debe educar para reiterar las masculinidades cisgénero y no desafiarlas. Por subvertir las normas, en varios comentarios, se rechaza a la familia, incluso poniendo en duda la heterosexualidad del padre. Por otro lado, en otros comentarios, hay afirmaciones que valoran la actitud de la familia al reconocer el deseo de su hijo y no castigarlo ni corregirlo.

**Palabras clave:** artefacto cultural; género; masculinidade; cisheteronormatividad; infancia.

## INTRODUÇÃO

Um garoto usando um vestido da Mulher Maravilha, por que não? Fomos surpreendidos com um vídeo que circulou, em 2023, nas redes sociais, especialmente no *Instagram*, em que um menino, chamado Miguel, ganha uma roupa da Mulher Maravilha.

Durante a infância, em nossa sociedade, é muito comum as crianças gostarem de assistir desenhos, mormente, de super-heróis e super-heroínas. Com Miguel, de 4 anos, não é diferente. A Mulher Maravilha é sua personagem favorita e, por gostar tanto dela, pediu aos seus familiares uma roupa da guerreira. Sendo assim, Marlene, sua mãe, e Ramon, seu pai, presentearam o filho com um vestido da personagem. Nas imagens do vídeo, Ramon entrega a roupa para o menino, que olha admirado para a peça e corre para abraçá-lo(a)

e agradecê-lo(a) pelo presente. Miguel pediu à sua família para colocar o vestido e, depois de experimentar a roupa, fez as poses de Mulher Maravilha.

Gravado pela mãe, o vídeo evidenciando esse momento foi compartilhado, inicialmente, nos perfis do *Instagram* da família e gerou muitas visualizações, comentários e compartilhamentos nas redes sociais.

Ao vermos este artefato, nos reportamos a pensar nos múltiplos sentidos e nas várias possibilidades de ser criança, contestando o pensamento de que a infância seja universal, homogênea e imutável ao longo do tempo. Por serem diversas, as infâncias são constituídas de modo singular, apesar de haver uma insistência em querer normatizá-las e homogeneizá-las (BUJES, 2000; SILVA; PARAÍSO, 2019).

Nas infâncias dos autores deste artigo, percebemos o quanto as regulações socioculturais de gênero e sexualidade nos afetaram. Quantos brinquedos, lidos como de meninas ou femininos, gostaríamos de ter, mas nem sequer poderíamos desejá-los, quanto mais ganhá-los, já que deveríamos aprender a ser meninos, o que incluiria rejeitar tudo o que não fosse de homem. Se ganhar um brinquedo que não fosse de menino já era, praticamente, impossível, o que diria de uma roupa da Mulher Maravilha, como foi o caso de Miguel.

Nas nossas infâncias, quando tínhamos melhores condições financeiras, as roupas infantis de Superman, Homem Aranha, Batman, He-Man, Lanterna Verde, dentre tantos outros super-heróis, eram apresentadas como as referências para nós, garotos. Não poderíamos desejar as roupas das super-heroínas como Mulher Maravilha, *Supergirl*, *Batgirl*, She-Ra, Mulher Gato e entre outras, aliás, não tínhamos nem coragem de falar, pois isso seria uma afronta, passível de correção com uma boa surra.

A cisnormatividade agia o tempo todo para impedir qualquer transgressão. Entendemos a cisnormatividade como uma regulação que atua para que a cisgeneridade, o alinhamento entre o sexo\gênero designado ao nascer e o sexo\gênero com o qual nos identificamos, se mantenha como referência para todas as pessoas (VERGUEIRO, 2016). Assim, não podíamos e ainda pouco podemos contestar o sexo\gênero que nos foi imputado ao nascer.

Qualquer tentativa de burlar, já éramos repreendidos: “Isso não é coisa de menino”!

Em algumas situações, parece haver uma maior vigilância dos meninos em relação à produção da sua masculinidade com receio de que uma possível feminilização possa transformá-los em gays (XAVIER FILHA, 2012). Em alguns casos, por exemplo, até aceita-se uma garota brincar de carrinho, mas se um menino brincar de boneca, a rejeição é muito grande (SILVA; LUZ, 2010).

Ao analisarem as relações de gênero constituídas em atividades lúdicas em uma creche no município de Itabaiana (SE), Cardoso e Nascimento (2017) também perceberam um controle mais rigoroso em torno das masculinidades cisgêneras dos meninos a fim de garantir com que eles não experimentem as feminilidades. Por exemplo, não se aceita que os meninos escolham brinquedos tidos enquanto femininos como a boneca ou que brinquem com as meninas. Às vezes, quando acontece, insiste-se pela demarcação de gênero como foi o caso em que uma menina estava maquiando um menino, mas ressaltou para a colega que, por ser garoto, só usaria pó e perfume nele.

O patrulhamento em torno da masculinidade, e destacamos, cisgênera dos garotos parece ser uma forma de garantir que este menino se torne um homem adulto cisgênero e heterossexual (FELIPE; GUIZZO, 2008). Diferente das identidades trans e travestis, a cisgeneridade é, continuamente, incentivada e ensinada, desde criança, mesmo que compulsoriamente. E, por ser lida como referência e ser naturalizada, não é problematizada.

Nos últimos anos, esta vigilância em torno das produções de gênero e sexualidade das crianças tem se acirrado com o movimento antigênero que, tem perseguido e ameaçado as instituições escolares que trazem debates sobre equidade de gênero, diversidade de gênero e sexual, multiplicidade de configurações familiares, reconhecimento das diferenças, violência sexual contra as crianças e adolescentes e entre outras questões (PEREIRA; RIBEIRO; RIZZA, 2024).

Para esse contramovimento, questionar os binarismos, normatizações e preconceitos de gênero e sexualidade é ameaçar a família tradicional e incentivar as crianças a serem LGBTTTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais,



travestis, transgêneras, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários e outras possibilidades de gênero e sexualidade).

Reconhecendo o quanto a cisheteronormatividade opera na produção das masculinidades cisgêneras, intencionamos, neste artigo, em analisar as repercussões de um vídeo que nos provoca a pensar a relação das famílias com as infâncias e as questões de gênero e sexualidade.

## QUE TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS ESCOLHEMOS PARA ANÁLISE DO ARTEFATO VISUAL?

Neste artigo, nos enveredamos em caminhar dialogando com as perspectivas pós-críticas, pós-estruturalistas e com os estudos culturais. Com base nesses referenciais, desconfiamos das metanarrativas e de uma razão universal. Trabalhamos com regimes de verdades, os quais constroem determinados sentidos para o mundo e, entendemos que conhecer é uma tarefa inconclusa, portanto, não se finaliza, sendo, constantemente, reiniciada (LOURO, 1995; PARAÍSO, 2004).

Assim, assumimos um referencial teórico-metodológico aberto e transgressor ao pensar sobre um artefato visual que tomamos como provocativo e subversivo em relação às questões de gênero e sexualidade e suas construções nas infâncias (CORAZZA, 2001; PARAÍSO, 2004).

Enquanto pedagogias visuais, os artefatos também nos ensinam, geram inquietações, produzem significados sobre o mundo, construindo-o. Por meio das pedagogias culturais, compreendemos que a escola não é o único espaço que produz saber e educa, por exemplo, as redes sociais também o fazem. Neste artigo, o artefato visual que analisamos foi postado na plataforma do *Instagram*, uma das redes sociais mais acessada por internautas brasileiras(os), nos últimos dez anos.

Nesse texto, a noção de artefato visual é empregada para designar qualquer linguagem visual produzida pelo ser humano, que pode se manifestar de distintas formas, como filmes, pinturas, esculturas, fotografias, materiais didáticos, mídias tecnológicas, desenhos animados, entre outras expressões. Esses artefatos não se limitam apenas a transmissão de distrações ou

animações, mas atuam, especialmente, como dispositivos de representação, desafiando as noções preestabelecidas de realidade e possibilitando a emergência de múltiplas interpretações (BALISCEI; STEIN, 2015; HERNANDEZ, 2000; 2007).

É pertinente destacar que, ao longo do artigo, os termos “produto cultural” e “artefato cultural” são articulados de modos distintos. O primeiro, abrange uma vasta gama de objetos, conceitos e práticas que emergem e circulam na sociedade, revelando as dinâmicas de poder e as identidades culturais envolvidas. Em outras palavras, ele carrega consigo uma carga simbólica significativa e um valor social elevado que o diferencia dos demais produtos, perpetuando-se, ao longo do tempo (HARVEY, 2004; GUIMARÃES, 2006; SILVA, 2008).

O segundo, entendido “como o resultado de um processo de construção social” (SILVA, 2010, p. 134), transcende a materialidade ao incorporar tanto manifestações materiais quanto imateriais que moldam e são moldadas pelas narrativas e discursos culturais em constante fluxo. Estas produções não são “inocentes”, também nos educam e nos ensinam distintos modos de nos posicionarmos na sociedade, na construção de entendimentos de si e dos outros sujeitos (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003). Assim, os artefatos culturais, entendidos em sua natureza pedagógica, não apenas nos instruem, mas também configuram os sujeitos de formas particulares.

O *Instagram* foi criado em outubro de 2010 pelos engenheiros de software Kevin Systrom e Mike Krieger (BORTOLAZZO; MACHADO, 2021). Nessa plataforma digital, as(os) usuárias(os) compartilham entre si diversos conteúdos como imagens diversas, textos, vídeos, mensagens, tornando-se parte implicada de culturas mais amplas de seus(suas) usuários(as). Esta mídia social proporciona “mais interatividade e conectividade entre indivíduos e grupos, embora essa nova cultura “socialmente interativa” e “descentralizada” não signifique uma subversão dos problemas sociais e econômicos” (CHOHAN, 2022, p. 14).

O *Instagram* é marcado pela interatividade entre seus(suas) usuários(as), não se resumindo ao mero ato de postagem imagética. Ao se constituir como

artefato cultural, essa rede social está carregada de conteúdos pedagógicos, refletindo e produzindo ativamente modos de subjetivação (ANDRADE; COSTA, 2015). Diante disso, consideramos importante problematizar as postagens feitas no *Instagram*, uma vez que além de veicular discursos, produzem sujeitos e práticas educativas (PARAÍSO, 2004).

Dentre os diferentes produtos culturais postados no *Instagram*, optamos em trabalhar com o vídeo do caso de Miguel, um garoto de 4 anos que ficou muito feliz, ao ser presenteado, pela sua família, com um vestido da Mulher Maravilha.

Este vídeo foi compartilhado em 27 de fevereiro de 2023 e o escolhemos pela sua repercussão na plataforma do *Instagram*, onde, somente no @correiobrasiliense, o vídeo teve, em 10 de maio de 2024, mais de 13,1 mil comentários, 28,9 mil curtidas, 64 mil encaminhamentos e 1,2 milhões de visualizações. Isso evidencia o potencial investigativo frente à referida plataforma em recuperar dados e informações, replicar conteúdos e extração de dados, conferindo ao *Instagram* um cenário potente para investigações científicas (BOYD, 2010; LAESTADIUS, 2017).

Diante disso, optamos por analisar de forma mais acurada as repercussões deste vídeo, os processos educativos que estão sendo ensinados com este artefato cultural acerca das categorias gênero e sexualidade e como são lidas as famílias que questionam a fixidez e binariedade de gênero e reivindicam o desejo de suas(seus) filhas(os).

Para a análise, selecionamos alguns dos comentários do vídeo, postados pelas(os) usuárias(os) do *Instagram* e analisamos os enunciados apresentados nessas mensagens. Os comentários serão discutidos por meio das seguintes subseções: a) a contestação e a perseguição à família por incentivar o filho a usar o vestido da Mulher Maravilha; b) a insistência em não aceitar a Mulher Maravilha como heroína de Miguel; c) a busca de estratégias corretivas para Miguel e d) a promoção da felicidade de Miguel ao presenteá-lo com o vestido da Mulher Maravilha.



## A CONTESTAÇÃO E PERSEGUIÇÃO À FAMÍLIA POR INCENTIVAR O FILHO A USAR O VESTIDO DA MULHER MARAVILHA

Um dos posicionamentos presentes nos comentários do *Instagram* foi o de contrariar a família de Miguel por presenteá-lo com uma roupa destinada socioculturalmente às meninas. Apresentamos algumas das mensagens em que a família é censurada por contestar a cisheteronorma.

Os próprios Pais incentivam,o menino tão doce ,educado!Amoroso!Tao inocente !Homens se vestem de homens meninos de meninos,meninas de meninas e mulheres de mulheres !  
Que confusão na cabecinha da criancinha !

### HOMENS FRACOS TEMPOS DIFÍCEIS....

Eu jamais daria ao meu filho um vestido!! Pelo contrário, conversaria com ele, explicaria as coisas e incentivaria a vestir outro personagem... não é questão de insegurança sobre a sexualidade ... pelo contrário amaria meu filho de qq forma incondicionalmente... mas o mínimo que se espera de uma mãe ou um pai é orientar e educar... não é pq meu filho tem vontades que ele terá que ser atendido.. Essa " influência " eu não permitirei ... ENTRE, MENINO E MENINA AINDA TEM BASTANTE DIFERENÇA!!

Lamentável. Lamentável criar um menino como se fosse uma menina. Pai fraco, filho igual. O exemplo arrasta. A criança é inocente e fará o que lhe for ordenada. Onde vamos parar?

A criança é o exemplo do que seu lar promove. Ele não gostaria de Mulher Maravilha se não houvesse algum tipo de incentivo por parte dos pais ou de um deles. Se é certo ou errado, isso vai de acordo com os princípios de cada um. Eu não faria isso com meu filho por ser tão novo e não ter discernimento do que quer ainda, porém é notório que fomentar esse tipo de comportamento na cabeça de uma criança irá criar um padrão feminino em sua vida desde cedo, mesmo sendo um menino.

Criando uma criança com a mente destruída e valores totalmente confusos , ele está interferindo diretamente na escolha da sexualidade do seu filho está induzindo ele diretamente a uma escolha

De modo geral, os comentários reiteram que existem diferenças na forma como os meninos e meninas devem se vestir e, por isso, influenciar o garoto a utilizar um vestido, peça considerada específica para meninas, é causar uma confusão em sua cabeça, destruindo sua mente. Sendo assim, essas afirmações reiteram o pensamento de que os corpos apresentam marcas fixas e binárias de gênero que não devem ser contestadas e nem embaralhadas. Por isso, contestar a binariedade e ultrapassar as fronteiras fixas do que se entende como de menino e de menina é colocar-se à margem.

Pautando-se em um pensamento cisheteronormativo, em nossa sociedade, a compreensão do que é ser menina e menino se dá por meio das características anatômicas e fisiológicas do corpo, como os cromossomos, a genitália, a composição hormonal e outros elementos. Nesse sentido, antes mesmo do nascimento da criança, frequentemente, são realizados testes de

ultrassom para observar a genitália do feto, determinando o sexo e, consequentemente, a identidade de gênero (BUTLER, 2000).

Portanto, ao nascer, quando a criança apresenta vulva é lida como do sexo\gênero feminino e se possui pênis é considerada do sexo\gênero masculino, fixando e, ao mesmo tempo, deslegitimando outras possibilidades para além desse binarismo. Desse modo, a partir do momento em que nomeiam a criança como menino, é preciso criá-lo como um garoto, orientando e incentivando a usar tudo aquilo que é delimitado culturalmente para um menino como, por exemplo, usar roupas de super-heróis.

Entretanto, apoiando-nos em uma perspectiva construcionista, entendemos que sexo e gênero não estão dados por conta das características anatômicas e fisiológicas do corpo, sendo construídos por meio dos dispositivos socioculturais (BUTLER, 2014). Dessa maneira, não nascemos com um gênero prévio, somos ensinados(as) a ser garotos e garotas, não podendo burlar as normas definidas e esperadas para cada um dos gêneros. No caso de Miguel, por ser lido como menino, deve se constituir e produzir uma masculinidade cisgênera, incluindo usar roupas de heróis e não de heroínas.

Desse modo, não existe uma essência em ser menino, você se torna menino com base na construção sociocultural. O problema é que, geralmente, acredita-se que, somente quem é travesti ou transgênero(a) escolheu a sua identidade de gênero. Entretanto, a pessoa cisgênera não nasceu como tal, isso se deu por meio de uma autoidentificação construída ao longo do tempo. A cisgeneridade também não está dada. Comumente, acreditam que a pessoa cisgênera já está previamente construída, sendo intrínseco do/a sujeito/a, mas não é (VERGUEIRO, 2016).

Em um dos comentários destacados acima reitera-se que deixar o filho usar o vestido da Mulher Maravilha irá interferir em sua sexualidade, induzindo-o a uma escolha. Entretanto, o uso de vestimentas e adereços está relacionado com as questões de gênero e não de sexualidade. Compreendemos que as diversas identificações afetivo-sexual ou ausência de atração, desejo e de prazer das pessoas, são instáveis e imprevisíveis, não sendo limitadas a como se expressam ou identificam os gêneros. No vídeo não está sendo pautado o que

atraí ou o desejo sexual do garoto. Todavia, é muito comum ser (re)produzido um pensamento social de que o gênero determinará a sexualidade e vice-versa.

O embaralhamento das questões de gênero e sexualidade tem contribuído para o pensamento de que a pessoa é, naturalmente, heterossexual. Em alguns comentários do vídeo, ao usar o vestido da Mulher Maravilha, muitas pessoas acreditam que o menino deixará de ser heterossexual, tendo a sua sexualidade contestada por se afastar do padrão de masculinidade e cruzar a fronteira do que é considerado adequado para meninos. Entretanto, compreendemos que a utilização de adereços e vestimentas é uma escolha pessoal e não devemos demarcar o gênero da pessoa a partir de estereótipos construídos no âmbito social, histórico e cultural.

Desse modo, independentemente da roupa que esteja usando, entendemos que a vestimenta não é capaz de determinar a identidade de gênero ou sexual das/os sujeitas/os. Além disso, a homossexualidade não faz parte da identidade de gênero, mas sim identidade sexual, ou seja, refere-se às diversas identificações ou não de atração, desejo e prazer das pessoas, sendo essas instáveis e imprevisíveis. Contudo, conforme apontado nos comentários, a homossexualidade acaba sendo identificada como um terceiro gênero, por acreditarem que o garoto deixou de ser menino por utilizar o vestido, mas também não o consideram menina.

Os enunciados reiteram que a família, por ser a responsável em orientar e educar as(os) filhas(os), de alguma forma, não deve contestar a cisheteronormatividade e, portanto, deve ensinar Miguel a ser um garoto, reiterando uma determinada masculinidade cisgênera. Conforme apontado por Vianna e Finco (2009), ao centrarmos nosso olhar nas formas de controle do corpo infantil, é possível percebermos que a perspectiva sociocultural busca determinar as características tidas como naturalmente masculinas e femininas.

Porém, destacamos que o desejo de usar o vestido não foi uma imposição da família para Miguel, mas, uma atitude de apoio e valorização do que o garoto desejava. A família não operou com a cisheteronormatividade, ao contrário, a transgrediu. Caso ela tivesse presenteado o garoto com uma roupa do

Superman, não a questionariam, pois isso seria o esperado para a construção de um garoto masculino, cisgênero e heterossexual.

O enunciado da inocência da criança também esteve presente em alguns comentários. Essa ideia está muito presente no imaginário social, sendo enfatizado a sua pureza, ausência de desejos, vontades e sem discernimento do que está fazendo, mas que acaba sendo direcionado/a por alguém a tomar algumas atitudes.

Essa concepção de inocência em torno da infância ainda tem sido reiterada por meio dos discursos sociais de proteção, cuidado e educação das crianças. Nessa produção discursiva estabelecem representações que ancoram valores, práticas sociais e políticas e delimitam as relações entre crianças e adultos (SALGADO; SOUZA, 2018). O binômio infância-inocência referenda a ideia de não podermos, em nenhum momento, apoiar ou concordar com qualquer tipo de comportamento da criança que transgrida aquilo que é tido como referência. Sendo assim, ao presentear Miguel com o vestido da Mulher Maravilha acredita-se que a criança esteja sendo retirada do lugar da inocência e pureza, pervertendo-a.

Na cultura ocidental, de acordo com Foucault (2006), a partir do século XVII se estabelece a noção de inocência infantil, reiterando a fragilidade e vulnerabilidade das crianças. A sexualidade passa a ser reprimida, normatizada e nomeada como segredo, reiterando um sistema de poder-saber. Apenas algumas pessoas, espaços e instituições sociais, tais como a medicina e a educação, são legitimadas a proliferar discursivamente regulamentos e condutas em torno da sexualidade. Comumente, o âmbito familiar foi considerado um importante espaço de produção discursiva, repressão e controle da sexualidade das crianças, sendo necessário uma vigilância para que não desviem da cisheteronormatividade.

Conforme apontado por Preciado e Nogueira (2013), os corpos infantis são considerados artefatos biopolíticos que devem ser protegidos, ditos e controlados pelos adultos para que haja a construção de uma identidade de gênero cisnormativa. Desse modo, sobre os corpos infantis passam a ser

reiterados processos de feminização e masculinização de acordo com as expectativas socioculturais.

Devido à compreensão da inocência, existe a necessidade de estar sempre protegendo e impedindo a criança de ter outros comportamentos que não sejam normativos para preservá-la, como se a educação da criança não partisse de um determinado pensamento. Apesar disso, compreendemos que a criança não vai se construir como inocente porque ela nasce e cresce em um contexto social e cultural. Ao longo da vida, ela vai aprendendo aquilo que está presente no âmbito sociocultural, embora haja ressignificações e contestações. Ela não é alguém que cresce sem nenhum tipo de desejo ou vontade.

Pensando em atender ao desejo de um filho, alguns/algumas internautas apontaram que até dariam uma fantasia da Mulher Maravilha, mas não um vestido.

Gente , aposto que se fizerem peças da mulher maravilha, pra meninos , isso não aconteceria .... Uma menina brincando de carrinho não tem tanta polêmica, quanto um menino brincando de cozinha... É só orientar, essa fase passa tão depressa, que logo eles nem vão lembrar que colocou um vestido por causa de uma personagem de ficção

Poderia ter comprado a espada e o escudo da heroína, não essa roupa.

Cara, a criança gosta da mulher maravilha, aí os pais dão um vestido para ele. Que cabeça é essa. 🙄 Aposto que se desse uma camisa com o símbolo dela e uma espadinha ele amaria também. Educar o filho é o maior amor que pode dar, agora que depois de adulto ele quiser usar o vestido aí sim é escolha dele.

Eu não daria... mandava fazer uma roupa masculina com as cores da heroína mas não daria um vestido ao meu filho

Como sugestão, fariam uma roupa considerada masculina ou comprariam acessórios com as cores ou símbolos da heroína, tais como uma espada e/ou escudo. Mas, nos questionamos: por que não um vestido? O vestido é uma roupa que representa as mulheres e o feminino e, por isso, é considerada proibida para os meninos. Com base em Butler (2014) podemos compreender que quando um garoto faz uso de vestimentas consideradas femininas, desafiando as normas de gênero, há um borramento das fronteiras que perturba e desnaturaliza o binarismo proposto para as masculinidades e feminilidades.

Marlene (mãe) e Ramon (pai) também tiveram as suas sexualidades contestadas por presentear seu filho com um vestido da Mulher Maravilha.



Com certeza a mãe adora uma fanta uva 🍇

Esse garoto tem duas mães

O namorado do pai deve estar muito feliz

O pai deve está dentro do armário

O pai só fez isso com a criança porque eles são gays tbm o pai é gay e a mãe lésbica tá tudo em casa

Pelo jeito o pai teve vontade de queimar com outro macho a vida inteira e n teve coragem de assumir. Mas acabou incentivando o filho ! FIM DOS TEMPOS !

Para alguns\algumas internautas, Marlene foi considerada lésbica e Ramon gay, mas não teriam coragem de se assumir. Por isso, incentivaram seu filho a fazer isso. De modo geral, a maioria desses comentários estava direcionado ao pai porque ele é um homem cis e heterossexual que deve ensinar o filho a sê-lo. Parece que quando Ramon não ensina Miguel a reiterar a lógica cisheteronormativa houve uma falha dele. Por exemplo, frequentemente, muitos pais se envergonham em ter um filho homossexual por parecer que ele não produziu um homem masculino, macho e viril. Em nossa sociedade, constantemente, existe uma cobrança para que os homens rejeitem tudo o que é considerado feminino. Caso isso não seja realizado, a sua sexualidade será contestada.

Além disso, Marlene e Ramon também tiveram a sua moral, maternidade e paternidade questionadas, conforme apontam os comentários abaixo.

Esse com certeza é um padrasto, jamais seria um pai.

Um mal exemplo,que tipo de pai é esse e triste mais que a mãe apoia.

Tinha q perder a guarda, um absurdo introduzir essas ideias na cabeça de uma criança

Deveria nomear um tutor para a criança, urgentemente. Deve ser um casal BI. Triste realidade!

Será q esse mlk não é abusado em casa ? Isso já me traz duvidas

Este pai vai abusar deste menino. E a mãe vai segura-lo.

Os pais destruindo o filho colocando no caminho da perdição

Tinha que ser preso este pai

Em virtude de a família atender ao desejo de Miguel, comprando a roupa de Mulher Maravilha e fazendo-o feliz, essa atitude é vista, em alguns comentários, como uma violência, sendo considerado crime contestar o pensamento cisheteronormativo. Desse modo, passam a questionar que essa



família não sabe educar adequadamente a criança, pois acreditam que se fosse uma família cisheterossexual não faria isso.

Compreendemos o enfrentamento da família como resistência e luta pela felicidade da criança. Não é incomum um menino desejar a roupa da Mulher Maravilha, tanto que outros meninos e meninas passam por situações como essa, mas, o vídeo nos ensina que a família não compreende isso como anormal. Sendo assim, a família não corrobora com o pensamento cisheteronormativo, pelo contrário, ela permite e apoia que o garoto utilize a roupa que o represente.

### **A INSISTÊNCIA EM NÃO ACEITAR A MULHER MARAVILHA COMO HEROÍNA DE MIGUEL**

Conforme destacado abaixo, em outros comentários, os(as) internautas insistiam que Miguel não utilizasse o vestido da Mulher Maravilha.

Por desejar e usar o vestido da Mulher Maravilha, Miguel é compreendido como como uma aberração, um corpo estranho, um sujeito anormal que bagunça com as normatizações de gênero e sexualidade. Miguel e tantas outras crianças constituem as infâncias *queer*, marcadas pela insurgência e pela produção de corpos que inquietam e assustam (SILVA; PARAÍSO, 2021).

Os enunciados evidenciados nos comentários reiteram uma insistência para que Miguel não deixe de ter uma referência de masculinidade cisgênera, sendo constantemente destacadas outras possibilidades de ídolos, super-heróis e atitudes masculinas para que não haja um desvio do padrão cisheteronormativo. Essa insistência é compreendida como se estivessem ajudando ou salvando o garoto. Nesse caso, as sugestões de super-heróis são masculinas e reforça-se que estes são guerreiros e fortes. Embora a Mulher Maravilha seja uma heroína, os comentários apontam que ela não representa uma referência de guerreira e força para um garoto.

Eu compraria um kimono pra ele . Mostraria os filmes do Bruce lee ,falaria sobre o VanDamme como fez minha felicidade quando criança, pedira pra ele assistir uma luta do Lyoto mais eu ..diria a ele como o exterminador do futuro me fez um cara forte , o Rambo me fez um guerreiro. O Jaspion o super herói... Daria uma tarde toda com meu pai pra gente atirar com aquele velho rifle até acabar as 1000 munições daria uma pipa até se perder de vista no céu... compraria todos os hot Wheels pra ele todas as bolas de basquete todas as bolas de futebol... quando ele crescesse mais eu daria a sua primeira revista porno daria os primeiros cem reais pra ele levar a namorada ao cinema...na moral eu tentaria todas as possibilidades pra ele ser como o pai dele. E por final se ele não aceitasse tudo isso que falei ....aí velho guerreiro vc tentou e parou em frente a tv assistindo Frozen então agora é agradecer a Deus por ele ter vindo com saúde e glória a Deus por isso. Agora quem acha ao contrário aposto que no lugar da bandeira do Brasil....vai vim uma bandeira colorida. 😊 Nada contra vcs não ....eu sou homem e queria minha família assim como Deus fez o homem pra mulher e a mulher pro homem.

Errado o pai. Os ídolos do homem sempre terão que ser os masculinos. Meu filho eu já ensino a ele quem devem ser os ídolos.

Contrariando o STF vou comentar, e daí ele gostar da mulher maravilha, ela é uma heroína dos quadrinhos, isso não quer dizer que ele vá crescer e continuar usando o vestido da heroína, já já ele passa a gostar do Neymar e passa a usar camiseta e calção do craque e está tudo certo.

Meu filho sabe o que é de menino e o que é de menina, nem preciso perder meu tempo dizendo a ele.

Embora não haja garantia da construção de uma masculinidade cisgênera, insiste-se em ir até às últimas consequências para garanti-la. Os ideais de masculinidade também são reforçados quando se destaca, por exemplo, presentear Miguel com uma revista pornográfica, quando crescesse. Isso nos lembrou uma situação apresentada durante um curso de formação docente sobre diversidade de gênero e sexual coordenado pelo primeiro autor do artigo.

Uma professora cursista relatou que, quando ainda era trabalhadora do lar, um casal para o qual trabalhava, resolveu colocar várias revistas pornográficas no banheiro do quarto do filho dele e dela para que ele se tornasse homem. O garoto tinha cerca de sete anos de idade e seu pai e sua mãe se incomodavam por ele ser um menino sensível, delicado, gentil e tímido, afastando-se das masculinidades cisgêneras heterocentradas.

No caso de Miguel e neste outro relatado busca-se reforçar a virilidade do garoto, reiterando a heterossexualidade como a possibilidade ideal da produção do homem cisgênero.

Além disso, os filmes de luta e o rifle para atirar até acabar as munições também são citados, nos comentários, como importantes para estimular a masculinidade. Desse modo, é possível percebermos que a produção dos meninos cisgêneros se constitui na violência e não na afetividade. Em contrapartida, as meninas cisgêneras devem ser construídas por meio do afeto. Nessa produção da masculinidade existe uma preocupação de não o transformá-lo em uma criança fragilizada. Para isso, consideram fundamental que haja um distanciamento do universo feminino, pois qualquer coisa pode arruinar o modelo de masculinidade.

Outro enunciado relevante desses comentários é a compreensão do vestido da Mulher Maravilha enquanto inventividade, fantasia ou brincadeira. Mas, e quando o vestido ultrapassa o lugar da fantasia? Talvez, o vestido seja uma roupa com a qual o garoto se identifique e se sinta bem com ela. Essa possibilidade de transgressão desestabiliza os sujeitos, pois compreendem que o vestido ganha outro significado, não sendo mais o lugar da imaginação, mas da concretude, ou seja, o desejo de querer ser uma menina e de se vestir como tal. Dessa forma, se há um extrapolamento desses sentidos, a vigilância toma conta desse corpo.

De modo semelhante, comumente, na infância os meninos costumam calçar os sapatos ou colocar os vestidos da mãe, sem que isso seja visto como um grande problema, desde que seja momentâneo. Caso haja uma insistência nessas atitudes, estes passam a ser vistos como anormais e passíveis de repressão. Sendo assim, temos nos questionado: por que um garoto utilizar um vestido é considerado um erro e uma transgressão em nossa sociedade? O que um vestido pode causar em um garoto?

Nossa intenção não é apresentar uma resposta única ou definitiva para essas perguntas, contudo, nossa análise parte do pressuposto de que, em nossa sociedade, há uma generificação de artefatos culturais, como brinquedos, cores, brincadeiras, roupas, adereços, desenhos e entre outros. Em virtude desta generificação pautada no binarismo, o vestido é lido como pertencente às mulheres e ao feminino, sendo seu uso censurado para os garotos. Por mais que queiramos desgenerificar os artefatos, construindo-os como produções

livres, a sociedade insiste em demarcá-los (RIBEIRO; XAVIER FILHA, 2020).

Portanto, nos debruçamos em questionar os discursos que produzem os artefatos como pertencentes a determinado gênero, como é o caso do vestido.

No artigo de Souza e Ferrari (2016), os autores se debruçam sobre a história de Mário que foi para a escola utilizando um vestido rosa e as unhas pintadas, no dia em que se comemorava o Carnaval. Esse fato causou um estranhamento entre os(as) colegas e a comunidade escolar, pois o combinado seria que as/os discentes levassem a fantasia de dálmata para ser utilizada no turno oposto. Entretanto, o vestido não era uma fantasia, mas a roupa que Mário gostaria de usar. Por ter ousado ir para a escola com um vestido rosa, Mário teve de voltar para casa.

## A BUSCA DE ESTRATÉGIAS CORRETIVAS PARA MIGUEL

Entre as tentativas de fazer com que Miguel seja repreendido e atenda às exigências da lógica cisheteronormativa, o *bullying* realizado no espaço escolar foi citado como uma forma de correção. Conforme apontado na Lei Federal n. 13.185 de 06 de novembro de 2015, que instituiu o Programa de Combate à “Intimidação sistemática”, o *bullying* é todo ato de violência física ou psicológica, praticado por um indivíduo ou grupo, para intimidar ou agredir uma pessoa, causando dor e angústia à vítima (BRASIL, 2015).

É só ele ir a uma festa infantil a fantasia na escola , vestido de mulher maravilha 🦸. Que vão tratá-lo com muita maravilha 🙌 Só o bullying educa 🤔🤔🤔

Aí quando cresce ou chega escola e fala que o pai deu ele um vestido da mulher maravilha kkkk não acha ruim de bullying não , esse mundo tá e perdido mesmo

Nesses comentários, o *bullying* é tido como uma forma de colocar o garoto no lugar considerado adequado e não como uma violência. Esse é um mecanismo estratégico de educar para o que é visto como correto e natural.

Aquelas e aqueles que contestam o binarismo de gênero são compreendidas como transgressoras(as) e, portanto, alvos da pedagogia corretiva que pretende não só puni-las(os) mas, endireitá-las(os) e ensiná-las(os), obrigatoriamente, que não podem escapar e nem questionar as normas (LOURO, 2008).

No caso das crianças que contestam as normas de gênero e sexualidade, as estratégias de correção se materializam por meio de uma série de violências como verbal, psicológica, sexual e física, realizadas continuamente para que os(as) sujeitos(as) desviantes se normalizem e se adequem à cisheteronormatividade. Há casos em que as crianças são punidas com a suspensão da escola e com o seu retorno condicionado à adequação às normas (SILVA; PARAÍSO, 2021). Outras formas de correção se dão por meio da obrigatoriedade em frequentar as igrejas para retirar o que os conservadores nomeiam de pecado ou mesmo encaminhar para a(o) psicólogo(a) a fim de que seja curado de uma possível patologia.

Comumente, esses processos de vigilância e controle das normas de gênero são tidos como naturais nos diferentes espaços. As instituições escolares, por exemplo, ainda se constituem como locais para reforçar os ideais de masculinidade e feminilidade numa perspectiva cisheterocentrada, apesar das resistências. Desse modo, no caso dos meninos, para reiterar a masculinidade cisgênera, busca-se negar a feminilidade e operar com a misoginia, desprezando e inferiorizando o que é compreendido como feminino. Assim, quando um garoto ousa usar um vestido, ele está passível a ser questionado, discriminado e/ou violentado fisicamente (SOUZA; FERRARI, 2016).

Para a manutenção das normas cisheteronormativas, estas precisam ser constantemente reiteradas, mas se há fissuras e desestabilizações, podem ser questionadas e, quiçá, modificadas. Xavier Filha (2012) nos relata que, embora desejemos controlar e regular as crianças, muitas delas escapam, rejeitam as normatizações e produzem outras possibilidades.

Nesse sentido, o vídeo de Miguel produz uma possibilidade de transgressão, reafirmando que outros meninos também podem utilizar vestimentas e adereços considerados do universo feminino. Frequentemente, existe um receio ou medo de que a diferença contague as outras pessoas, rompendo com a ordem regulatória pautada nos binarismos e dicotomias.



## A PROMOÇÃO DA FELICIDADE DE MIGUEL AO PRESENTEÁ-LO COM O VESTIDO DA MULHER MARAVILHA

Apesar das reprovações, outros/as internautas defenderam a atitude de Marlene e Ramon em ter comprado o vestido de Mulher Maravilha para Miguel.

Eu lendo aqui alguns comentários vi quanto há preconceito, e pensamentos negativos, e podre. Uma criança não tem maldade nenhuma, ela apenas quer se divertir e viver aquele momento que está fazendo a criança feliz. Ele gostar da Mulher Maravilha, e ficar feliz por conta de uma roupa isso não significa nada. A criança apenas está vivendo ali o momento dele. Que lindo ver que tem pais que já ensinam os seus filhos serem corajosos, pra ser o que quiser ser quando crescer. Até pq se um dia ele vier mostrar que gosta de se vestir como uma mulher, não será por conta de uma roupa de um super-herói que seu pai deu, mas se pq a vontade vem dentro dele. Então não faz diferença nenhuma, agora ou depois. Que bom que existe pais que o defende os seus filhos, e que não se importa da cor que a Criança gosta, dos brinquedos, das roupas, do seu super herói. Ele vai crescer em um lar, aonde sabe que terá sua família ao seu lado. E só pra deixar registrado, eu tinha um primo que só brincava com meninas, e gostava as vezes de se vestir como uma. E isso não mudou nada do homem maravilhoso que se tornou. Bem casado com a sua esposa, tem duas filhas lindas. E é um ótimo pai e marido. E nunca passou na cabeça dele, dele querer se tornar uma mulher, ou gostar de homem. Espero que entendam. A pessoa é o que vem de dentro dela. E não pelo o que ver nas pessoas.

Menos um ser humano infeliz no mundo. Parabéns aos pais que sabem o que é Amor. Fui uma criança como ele.

Eu como trans, nunca tive isso em casa. Q lindo a aceitação dos pais 🥰🥰🥰🥰

Esse vídeo é de uma profundidade enorme. Olha o brilho no olhar da criança. Olha a atitude de pais quebrando paradigmas. Sabendo q juntos estão batendo de frente com machismo estrutural escrustrado na Sociedade desde q mundo é mundo. Este menino já está sendo "vacinado" com anticorpos do amor e vão saber enfrentar o preconceito do mundo com a autoestima elevada, cabeça erguida e sabendo que os pais estão do seu lado para o der e vier

Só quem tem filho pequeno sabe oque é isso, sabe oque é ter que passar por cima de tanta coisa para ver nosso pequeno feliz. E não é uma roupa da mulher maravilha que vai fazer uma criança mais ou menos homem, assim como tbm nao é a opção sexual de alguém que o fará melhor que alguém, mais homem que o amigo hetero. Eu sou hetero, casado e com dois filhos pequenos. E pode ter certeza, quais sejam as escolhas dos meus filhos, dentro de casa ele tem a nossa bênção, a nossa proteção e o nosso amor. E voltona repetir, conheço homossexuais que são muito mais Homens que muitos heteros por aí. Forte abraço!! E parabéns para esse Pai.

Deixa o garoto ser feliz... Os pais não devem bloquear suas habilidades por livre e espontânea pressão. Quando isso acontece, o filho que já é adulto, se sente um fracassado e infeliz. Se o garoto gosta dela, tem mesmo que apoiar, pq é a alegria dele e não dos pais e a sociedade.. Essa sociedade cheia de ódio e e preconceito! Vão aprender a amar e respeitar!!!

Esses comentários destacaram que Marlene e Ramon fizeram o filho feliz e confiante de sua escolha, principalmente, por terem o seu apoio e proteção. Além disso, ensinaram Miguel a ser corajoso para usar e ser quem quiser. Algumas pessoas apontaram que também foram crianças como ele e, infelizmente, não tiveram esse mesmo apoio em casa.

Esse vídeo nos chama a atenção porque a atitude da família não foi a de reprimir o garoto, como muitas fazem. Apesar da vigilância e controle, há famílias que escapam dos processos normativos. Por exemplo, na pesquisa



realizada por Souza (2015), uma educadora destacou o caso de uma mãe que, atendendo o desejo do filho, colocou na mochila um *collant* rosa para que ele usasse e dançasse para as professoras durante as atividades livres. Desse modo, compreendemos que essa família também desafiou as normas e provocou a escola a refletir sobre as questões de gênero, ensinando a valorizar e reconhecer o desejo da criança e não a rejeitar ou corrigir quem ousasse fugir da norma.

Em nossa sociedade, frequentemente, acontecimentos como os desses garotos que rompem com as normas de gênero são tratados com rigidez, violência e repressão. Comumente, são relatados casos de familiares, principalmente pais, que agredem seus/suas filhos/as por transgredirem aos padrões cisheteronormativos devido aos trejeitos ou fazerem uso de adereços e vestimentas considerados exclusivos para homens ou mulheres. Sendo assim, por exemplo, meninos que brincam de boneca, têm voz mais aguda, se maquiam, gostam de rosa e/ou usam saia sofrem processos corretivos permanentes.

Silva e Paraíso (2019) relataram o caso do garoto Douglas, de 10 anos, de uma escola municipal em Belo Horizonte (MG) que sofria violência neste espaço por ser doce, delicado, sendo lido como afeminado e por usar maquiagem. Douglas também relatou que adora as roupas de meninas e gostaria de colecionar vestidos de princesa, contudo, sua família não aceitaria que ele os tivesse. Entendemos, portanto, que nem toda a família é como a de Miguel.

Diante do apresentado, compreendemos que, ao presentear Miguel com um vestido da Mulher Maravilha, Marlene e Ramon se distanciam de uma maternidade e paternidade hegemônica que investe em um determinado modelo de masculinidade que deve punir simbólica e/ou fisicamente seu filho para que não se distancie do padrão de homem cisgênero imposto em nossa sociedade. Entregar o presente, sorrir, abraçar, vestir o filho e divulgar o vídeo constrói outro modelo de paternidade e maternidade, desestabilizando e desnaturalizando a nossa cultura.

Como relatado por Silva e Paraíso (2021), apesar dos contínuos investimentos para a manutenção das normas cishetero, há uma proliferação

de outras possibilidades de infâncias que resistem e lutam pelas suas existências, pelo direito de serem o que as tornam mais felizes.

## CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O vídeo de um garoto sendo presenteado com vestido da Mulher Maravilha nos provocou a pensar nas possíveis fissuras e ranhuras que podem ser feitas na cisheteronormatividade. Talvez, outrora, não poderíamos pensar em uma atitude como a da família de Miguel que não hesitou em comprar o presente que faria o seu filho feliz.

Apesar dos enunciados de alguns comentários insistirem em censurar e condenar a família, pondo em xeque as sexualidades da mãe e do pai e desejando que Miguel seja corrigido e ajustado, este artefato se constituiu como desestabilizador dos conhecimentos produzidos sobre corpo, gênero e sexualidade, possibilitando novos olhares, inquietações e escutas.

Um garoto não ser repreendido ou violentado por desejar o vestido da Mulher Maravilha e, pelo contrário, receber o carinho e amor de sua família ao vê-lo com a roupa de sua heroína, pode se configurar como novos caminhos e compreensões sobre as infâncias e as questões de gênero e sexualidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao financiamento da CAPES pela bolsa de estudos de doutoramento do primeiro e terceiro autor que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio/ago., 2015.

BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius. Como olhamos e somos olhados pelas imagens? Estudos críticos dos artefatos da cultura visual. *Reflexão e Ação*, v. 23, n. 1, p. 251-275, 16 jun., 2015.

BORTOLAZZO, Sandro; MACHADO, Roseli Belmonte. Uma análise do Instagram e suas interfaces com as questões curriculares. *Revista Comunicações*, v. 28, p. 43-56, 2021.

BOYD, Danah. Social network sites as networked publics: Affordances, dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). *Networked Self Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. New York: Routledge, 2010, p. 39-58.

BRASIL. *Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015*. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm). Acesso em: 16 maio 2024.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Que infância é esta? In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 23., 2000. Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ANPEd, 2000. Disponível em: <<https://www.anped.org.br/biblioteca/item/que-infancia-e-esta>>. Acesso em 21 jun. 2022.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-172.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, n. 42, p. 249-274, jan. 2014.

CARDOSO, Livia de Rezende; NASCIMENTO, Daniela Lima do. Você brinca de boneca, mas é menino: sujeitos, gêneros e sexualidades em brincadeiras infantis. *Educação*, [S. l.], v. 40, n. 2, p. 250-262, 2017. DOI: 10.15448/1981-2582.2017.2.23571.

CHOHAN, Usman W. *Web 3.0: the future architecture of the internet?* Discussion Paper Series: Notes on the 21st Century, February 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn:4037693>.

CORAZZA, Sandra. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. *Revista de Educação*, Campinas, São Paulo, n. 23, p. 36-61, 2003

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (ors.). *Corpo, gênero e sexualidade*. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2008, p. 31-40.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. *Desafios brasileiros na era dos gigantes*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

HARVEY, David. A arte de lucrar: globalização, monopólio e exploração cultural. In: MORAES, Denis (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder* 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança na educação e projetos de trabalho*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LAESTADIUS, Linnea. Instagram. In: QUAN-HAASE, Anabel; SLOAN, Luke (org.). *The sage handbook of social media research methods*. Thousand Oak, Califórnia: Sage Publications, 2017, p. 573-592.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de. (orgs.). *Reestruturação curricular*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.172-182.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio de 2004.

PEREIRA, Lara Torrada; RIBEIRO, Paula Regina Costa; RIZZA, Juliana Lapa. GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a ideologia de gênero distorce tudo. *Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp*, [S. l.], v. 12, n. 1, 2024. DOI: 10.34024/olhares.2024.v12.15600.

PRECIADO, Paul; NOGUEIRA, Fernanda Ferreira Marcondes. Quem defende a criança queer? *Jangada: crítica, literatura, artes, [S. l.]*, v. 1, n. 1, p. 96-99, 2013. DOI: 10.35921/jangada.v0i1.17.

RIBEIRO, Cláudia Maria; XAVIER FILHA, Constantina. Corsário preso: possibilidades e limites para navegar pelo conceito de gênero na Educação Básica. *Retratos da Escola, [S. l.]*, v. 14, n. 28, p. 141-157, 2020. DOI: 10.22420/rde.v14i28.1103.

SALGADO, Raquel Gonçalves; SOUZA, Leonardo Lemos de. Gêneros, sexualidades e infâncias: Cenas de crianças na contramão da inocência. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, p. 241-258, jan.-abr. 2018.

SILVA, Áurio Lúcio Leocádio da. *Consumo de produtos culturais em São Paulo: uma análise dos fatores antecedentes e proposta de modelo*. São Paulo: USP. 210 p. Tese - (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Isabel de Oliveira; LUZ, Iza Rodrigues da. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 34, p. 17-39, 2010.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Para uma cartografia de infâncias queer no currículo escolar. *Revista Educação em Questão, [S. l.]*, v. 57, n. 54, 2019. DOI: 10.21680/1981-1802.2019v57n54ID18585.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Monstros que assustam, atraem e fascinam: um mapa das linhas de constituição das infâncias queer. *Revista Educação em Questão, [S. l.]*, v. 59, n. 62, 2021. DOI: 10.21680/1981-1802.2021v59n62ID26882.

SOUZA, Marcos Lopes de. O PIBID como espaço formativo de desarranjos, reinvenções e pluralizações dos gêneros e das sexualidades. In: REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 37., 2015, Florianópolis, *Anais...* Rio de Janeiro: ANPED, 2015, p. 1-17.

SOUZA, Marcos Lopes de; FERRARI, Anderson. “Os meninos não se vestem como meninas”: desestabilizando normatizações de corpos, gênero e sexualidades com o curta Vestido Nuevo. *Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade*, Inhumas, v. 9, n. 3 p. 337-350, 2016.

VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, Suely, CASTRO, Mary Garcia, MOUTINHO, Laura (orgs.). *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 249-270.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, n. 33, p. 265-283, jul. 2009.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para as sexualidades, a igualdade de gênero e as diversidades\diferenças na educação das infâncias - questões a problematizar. In: XAVIER FILHA, Constantina (org.). *Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2012, p. 17-34.

Recebido em: 31/03/2024

Aceito em: 01/04/2024

Publicado em: 30/08/2024